**Introdução**

Nessa lição Emmanuel vem nos falar da grande responsabilidade que temos com as crianças. E a primeira advertência que ele nos traz é acerca da interpretação das palavras de Jesus quando o Mestre diz “não desprezeis alguns destes pequeninos”. Emmanuel nos esclarece que Jesus espera de nós o cuidado com as crianças não apenas com relação ao alimento do corpo ou ao vestuário: muito mais do que cuidar das necessidades materiais das crianças, é preciso oferecer à elas bases morais e espirituais sólidas de tal forma que no futuro, esses espíritos – hoje crianças – tornem-se homens e mulheres de bem.

E por que as crianças solicitam de nós tamanho cuidado? Ninguém tem dúvidas a respeito de nossas obrigações para com as crianças em termos materiais. Mas, espiritualmente falando, qual é a característica dos espíritos vivendo na infância humana que os tornam tão dependentes de nós?

Na obra A Gênese, no capítulo *XI –* *Gênese Espiritual*, no item *Encarnação dos Espíritos* Allan Kardec nos explica que quando um espírito prepara-se para reencarnar, desde o momento da concepção o perispírito do espírito reencarnante vincula-se ao corpo físico em formação. Quanto mais desenvolvido o corpo físico, mais forte a ligação do perispírito a ele. À medida que esse laço se fortalece o espírito reencarnante entra em uma espécie de perturbação, perturbação essa que só vai terminar depois que a criança nascer. Somente após o nascimento o espírito começa aos poucos a recobrar suas faculdades.

Apesar de retomar gradativamente sua consciência, o espírito tem ofuscada sua lembrança do passado. Esse esquecimento compulsório na verdade é um ato de Misericórdia Divina. Isto porque se o espírito reencarnante se recordasse de quem ele foi e das coisas que ele fez, essa lembrança poderia causar grandes embaraços a ele. É muito importante, porém, deixar claro que o espírito perde apenas a lembrança do passado; ele renasce com todas as suas aptidões, qualidades, defeitos e dificuldades adquiridos em existências anteriores. Kardec diz que “O Espírito renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir”.

Por isso a criança tem essas características tão especiais: trata-se de um espírito que acabou de retornar ao mundo material, esquecido do seu passado mas trazendo consigo toda sua bagagem de qualidades e defeitos. O espírito da criança está, portanto, à mercê de nossas ações e das diretrizes que dermos à ele para construir o alicerce sobre o qual ele irá edificar sua nova existência.

**Desenvolvimento**

Retornando à lição, Emmanuel fala que muitos pais preocupam-se excessivamente em garantir o conforto e o futuro material dos filhos mas quando eles trabalham exclusivamente nesse objetivo acabam deixando abandonadas, espiritualmente falando, as almas sob sua responsabilidade. E esse é um problema que parece hoje mais atual do que nunca. É louvável a preocupação de muitos pais em garantir o conforto e a segurança material dos filhos. De fato, essa é uma das obrigações dos pais. Porém, filhos não precisam apenas de carros, imóveis, dinheiro e bens materiais. Eles necessitam também de uma religião, de princípios morais, de convivência em família, de amor, diálogo, atenção e limites.

Há uns 3 anos aproximadamente, em um encontro de tarefeiros aqui da Casa de Glacus, uma irmã que atua na tarefa do Atendimento Fraterno contou-nos que certa noite atendeu a um casal. Tanto o marido quanto a esposa choravam muito e o marido nem mesmo conseguiu falar. A esposa, depois de muito tempo, disse o seguinte à nossa irmã tarefeira: “Se você me perguntar quanto dinheiro temos no banco, eu não saberei dizer. Se você perguntar quantas cabeças de gado temos em nossas fazendas ou qual o valor das joias guardadas no meu cofre eu não saberei dizer. Também não faço ideia de quanto dinheiro nós temos investido em ações. Mas é só isso que temos; nós não temos absolutamente nada mais em nossas vidas. Somos pais de dois rapazes e ambos estão presos. Um por ter tentado roubar um carro e o outro por envolvimento com drogas”. É óbvio que esse casal ama seus filhos e não desejava esse destino para eles. Mas, levando em consideração a tristeza e a amargura das palavras dessa mãe, compreendemos que esses pais muito provavelmente, ocupados excessivamente com a manutenção de seus bens materiais acabaram não dando aos seus filhos o abrigo moral tão recomendado por Emmanuel.

E Emmanuel prossegue falando-nos de um outro problema muito grave nos dias de hoje. Ele nos adverte que reconhecemos com muita facilidade os delinquentes produzidos pela vadiagem nas ruas e que estes delinquentes geralmente terminam seus dias na prisão ou no hospício. Porém, nós não nos atentamos para o fato de que o descuido espiritual dentro do próprio lar cria também seus demônios para a sociedade. Não sou eu que estou chamando esses filhos de “demônios” não, ok? É o próprio Emmanuel que emprega esse termo. Em geral, são os próprios pais os primeiros a sofrerem as tristes consequências de seu descuido. Os filhos, depois de crescidos, não demonstram para com os pais nenhum afeto ou respeito. Muitos chegam a cometer crimes contra os próprios pais com o objetivo de conseguir vantagens materiais. E quando esses filhos nascem no seio de famílias ricas e com poder social, eles costumam passar a vida inteira com uma conduta deplorável sem sequer sofrerem as punições da justiça humana.

Emmanuel também aborda o aspecto que talvez seja o mais importante e o mais difícil para nós: fornecer o alimento espiritual às crianças através de nossas atitudes e de nossos exemplos. Essa é uma questão particularmente importante em se tratando de filhos. Nossos filhos aprenderão conosco aquilo que nós fizermos e não aquilo que nós dissermos a eles para fazer. De nada vai adiantar tentar ensinar a eles uma coisa com palavras se nossas ações demonstram o contrário do que falamos. Na educação dos filhos não se aplica o “Faça o que eu falo mas não faça o que eu faço”. É preciso ensinar às crianças pelos bons exemplos, mostrando a elas os caminhos errados, direcionando-as aos caminhos corretos, alertando, corrigindo e, principalmente, impondo limites.

Há algum tempo eu li um livro sobre educação infantil. Trata-se de um livro que não tem nenhum vínculo religioso. Mas nesse livro tem um capítulo que fala exatamente de se educar os filhos através dos exemplos e lá encontra-se o relato de um cidadão norte-americano que lutou na guerra do Vietnã. Esse homem conta que certo dia estava levando o filho para a escola quando parou o carro em um sinal vermelho. Uma família de pessoas de origem asiática estava atravessando a rua quando o filho fez um comentário extremamente negativo sobre pessoas daquela origem. O homem conta que a primeira reação que ele teve foi de repreender duramente o filho mas aí lembrou-se de que ele mesmo, em determinada ocasião, havia feito comentários daquela natureza na frente de seu filho. Ele então ficou calado, aguardou que o sinal ficasse verde, dirigiu até o estacionamento de um supermercado e parou o carro para conversar com o filho. Primeiro ele pediu desculpas ao filho por já ter feito comentários daquele tipo e explicou que era um erro terrível rotular as pessoas daquele modo. Em seguida ele pediu ao filho que jamais voltasse a fazer comentários negativos sobre as pessoas pelo fato delas serem de outros países, de outra cor ou falarem outro idioma. E, segundo ele, nunca mais o filho voltou a fazer aquele tipo de coisa. Esse relato nos mostra duas coisas: a primeira é o quanto os filhos aprendem naturalmente com nossos exemplos apenas nos observando, não importando se nossos exemplos são bons ou ruins. A segunda é que, se reconhecermos nos filhos erros cometidos por nós mesmos, precisamos nos corrigir e reeducar os filhos com nossa nova postura.

E Emmanuel nos adverte que não podemos ser negligentes nesse processo de educação pelos bons exemplos. Não podemos deixar a criança entregue a si mesma porque seremos responsabilizados amanhã pela falta cometida hoje. E mesmo que não sejamos responsabilizados na justiça dos homens, invariavelmente seremos na justiça de Deus.

**Conclusão**

Nós muitas vezes nos assustamos diante da responsabilidade de cuidar material e moralmente de uma criança. Com tantos quadros de violência e aflição que se desenrolam diante de nós todos os dias, frequentemente nós nos perguntamos: “Que mundo é esse que deixaremos para nossas crianças?”. Mas, apesar do aparente caos que impera em nosso mundo, Jesus, o Governador Espiritual do nosso orbe, continua no leme.

Emmanuel diz que diante do Mestre, todos nós nos encontramos em processo de educação e reeducação. Se analisarmos detalhadamente a maneira como temos nos comportado, reconheceremos com facilidade que em relação à Jesus somos ainda crianças espirituais.

Portanto, para nós, ensinar significa também aprender e com a benção da reencarnação renovamos e fortalecemos os laços de nossa família espiritual. Se abraçarmos com amor a tarefa de educar nossas crianças – sejam filhos, sobrinhos ou crianças do nosso convívio – nossa pergunta já não será “Que mundo deixaremos para nossas crianças?” mas sim “Que crianças deixaremos para o nosso mundo?”.

Citando novamente a obra A Gênese, no capítulo *XVIII –* *São Chegados os Tempos*, no item *A Geração Nova*, Kardec fala do período de transição que o planeta Terra vive, passando de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração. Kardec diz que em cada criança que nascer, em vez de um espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes encarnaria na Terra, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Ele ainda nos explica que essa nova geração não será composta necessariamente de espíritos superiores mas, sim, de espíritos que já evoluíram e que estão predispostos a assimilar as ideias progressistas e aptos a promover o movimento de regeneração do planeta.

Mas essa nova geração de espíritos não poderá realizar sua tarefa na transformação da Terra sem a nossa colaboração. Precisamos recebê-los e acolhê-los com amor e responsabilidade.

E para finalizar nossas reflexões e sintetizar tudo o que Emmanuel nos ensinou nessa lição, trouxemos uma belíssima oração ditada pelo próprio Emmanuel: a Oração da Criança. Ela encontra-se na obra *Antologia da Criança*, psicografia de Chico Xavier, mensagens de espíritos diversos.